



CCB

24 A 26 JAN 25

**QUEM MATOU
O MEU PAI
DE ÉDOUARD LOUIS
LUÍS MESTRE**

**ARTES
PERFORMATIVAS
E PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Teatro
Black Box
Sex, 20h00
Sáb, 19h00
Dom, 17h00
M/14

Duração aproximada: 50 min.



Acessibilidade: Sessão de 26 de janeiro com interpretação em Língua Gestual Portuguesa

Quem Matou o Meu Pai

Texto **Édouard Louis**

Tradução **Luísa Benvinda Álvares**

Direção e leitura **Luís Mestre**

Desenho de luz e espaço cénico **Joana Oliveira**

Fotografia, vídeo e espaço cénico **Ana Joana Amorim**

Direção técnica **Luís Ribeiro**

Produção executiva **Patrícia do Vale**

INTERVALO – Programa Educativo **Patrícia do Vale, Raquel Sambade e Inês Soares**

Coprodução **Centro Cultural de Belém, Casa das Artes de Famalicão, 23 Milhas, Teatro Diogo Bernardes, Centro Cultural Raiano, Teatro Municipal de Bragança, Teatro-Cine de Torres Vedras, Teatro Municipal de Vila Real, Quarta Parede, Teatro Ribeiro Conceição, Teatro Nova Europa**

O Teatro Nova Europa é uma estrutura financiada pela República Portuguesa – Cultura | DGArtes – Direção-Geral das Artes (apoio sustentado quadrienal 2023-2026).

SINOPSE

Édouard Louis regressa ao lugar onde nasceu para visitar o pai: uma cidade numa das regiões mais pobres de França. Na casa paterna, o que outrora foi um homem que exprimia a sua virilidade através da violência e que oprimia o filho inteligente e dócil, encontra um corpo com cinquenta e poucos anos, que mal consegue andar e respirar.

Quem Matou o Meu Pai é um relato comovente do reencontro entre o autor e o seu pai, da recordação de uma infância caracterizada pela dor e danificada pela pobreza, vergonha e homofobia, e a acusação ao poder político pelo abandono das classes baixas da sociedade.

QUEM MATOU O MEU PAI, UMA TRAGÉDIA CONTEMPORÂNEA

Quem Matou o Meu Pai. Sem (ponto de) interrogação. Porque o livro que Édouard Louis não fareja nem escava em torno de uma pergunta. O texto do escritor, nascido em 1992 numa das regiões mais pobres de França (Picardia), é, na verdade, uma acusação. Um dedo apontado, sem hesitação, ao Estado francês pelo abandono a que votou o seu pai, após um acidente de trabalho que o deixou incapacitado, na sequência de décadas a destruir o corpo num ofício fisicamente devastador — e forçado, ainda assim, a prolongar a sua vida de miserável assalariado.

O livro de Édouard Louis, no entanto, complexifica-se a partir deste enunciado simplificador. Porque é do abandono da classe operária que se trata também por parte de um Estado que se aburguesou, tal como o assunto é ainda o abandono do interior do país por parte de uma governação que se deixou cada vez mais manietar pelo jargão tecnocrata do «crescimento económico» como fim único das existências humanas, subjugadas a défices, dívidas, juros, inflação. Um poder central, um sistema partidário, uma esquerda que se esqueceu de falar para as pessoas e para os seus problemas do dia-a-dia, entregando-as a uma extrema-direita que ferra os dentes em todas as frustrações e todos os rancores. E é também do abandono pela família que Édouard Louis sentiu na pele de que aqui se fala, quando a sua homossexualidade num contexto de cidade pequena e remota foi sentido como uma condenação à falta de amor.

O regresso de Édouard Louis à Picardia onde cresceu e de onde se evadiu em desespero, replicando e citando a inspiração no *Regresso a Reims* descrito por Didier Éribon, seu herói, é também o retorno à família à qual precisou de virar costas para poder sobreviver, reinventando-se em Paris, deixando então cair o nome que até então carregava (o relato que narra em *Para Acabar de Vez com Eddy Bellegueule*). É o regresso a um território minado e o confronto com a interrogação de até que ponto o reencontro com o seu pai, entregue ao álcool e ao profundo sofrimento físico, podem resgatar ainda qualquer perdão e redenção. Até que ponto pode sobrar algum resquício de amor numa história a dois marcada por rejeição e homofobia.

Talvez a resposta esteja, afinal, embrenhada na procura de empatia pela biografia do pai, numa tentativa de compreensão do meio em que cresceu, do quanto é um produto e uma vítima do seu próprio ambiente familiar e da vida naquela pequena comunidade, demasiado ocupada em sobreviver.

Nada faria crer que a magnífica escrita seca e dura de Édouard Louis, sem o típico embelezamento mais «literário» da tradição francesa, pudesse ter vida nos palcos de teatro. A literatura de Édouard Louis — escrita sempre sobre brasas e queimando-se na sua própria vida, com a caneta a enfiar-se na ferida de acontecimentos carregados de trauma e de violência, urdida por quem tenta escrever-se para se ver de fora e se pensar como um homem que forjou um caminho intelectual a partir da descoberta dos livros e crente numa necessidade profunda de a esquerda política abandonar um estado de letargia quando se acomodou à fatalidade do neo-liberalismo reinante — dói. Dói quando é escrita e dói quando é lida. E dói quando é escutada em palco.

Embora a ligação com o realismo social no cinema, filmado por autores como Mike Leigh e Ken Loach, sempre foi reivindicada pelo próprio Édouard Louis (com Loach partilhou mesmo um *Diálogo sobre Arte e Política*, publicado em livro), o teatro seria o seu primeiro lugar de salvação pessoal quando, mal chegado à adolescência, se juntou a um clube de teatro onde se sentiu pela primeira vez valorizado. A passagem da sua obra para o universo teatral, embora formalmente pouco óbvia, dar-se-ia já depois de ser autor publicado e uma sensação no meio literário francês, quando o encenador e actor Stanislas Nordey o desafiou a criar um texto para palco. Reflectindo acerca daquilo que poderia ser hoje uma tragédia, decorrente menos de castigos infligidos pelos deuses e mais sobre a asfixia dos cidadãos diante dos Estados no seu desinvestimento da *res publica*, dedicou-se então às palavras que compõem *Quem Matou o Meu Pai*.

«Se este texto fosse um texto de teatro, teria de começar com as seguintes palavras: um pai e um filho estão a poucos metros um do outro, num espaço amplo e vazio.» Assim se inicia *Quem Matou o Meu Pai*, que depois de Nordey foi encenado também por Thomas Ostermeier (versão que o próprio Louis interpretou em palco, tendo os dois trabalhado ainda numa versão cénica de *História da Violência*), por Ivo van Hove ou, agora, por Luís Mestre. Escrito como uma violência para os dois: «O pai está privado da possibilidade de contar a própria vida e o filho deseja uma resposta que nunca obterá», resume o autor. Escrito como uma tragédia contemporânea.

Gonçalo Frota, Janeiro de 2025

(o autor escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)



© Will Vale

Luís Mestre

Mestre em Estudos de Teatro e pós-graduado em Dança Contemporânea. É dramaturgo, encenador, professor de teatro e *coach* de dança contemporânea.

Como dramaturgo, recebeu vários prémios e distinções nacionais e internacionais.

Realizou *masterclasses* com Juan Mayorga, Emanuel Gat, Vera Mantero, Lisbeth Gruwez, Boris Charmatz, Laurence Yadi / Nicolas Cantillon, David Mamet, David Lynch, Werner Herzog, Margaret Atwood e *workshops* com Adriano e Raimondo Cortese, Jean-Pierre Sarrazac, Guillermo Heras, Sergio Boris, Mohamed El-Khatib.

Completo os cursos Cinema e Televisão Escandinavos da Universidade de Copenhaga e Introdução à Música Clássica da Universidade de Yale.

É diretor artístico do Teatro Nova Europa.

Teatro Nova Europa

O Teatro Nova Europa (TNE) desenvolve desde 2005 um projeto único no panorama artístico nacional, focado na dramaturgia portuguesa e com um olhar atento à contaminação por outras geografias, valorizando novos autores e intérpretes nacionais e internacionais. Este projeto materializou-se num programa consistente de criação de espetáculos para públicos diversos, edição e publicação de dramaturgia portuguesa contemporânea, organização de conferências, leituras e conversas públicas, criação de laboratórios de formação, produção de atividades de mediação, de educação artística e de promoção de práticas de reflexão partilhadas por criadores e públicos. O TNE aposta estrategicamente no desenvolvimento da dramaturgia portuguesa através da escolha e da encomenda de peças a dramaturgos portugueses, da formação de novos talentos na área da dramaturgia, e da publicação em diversos formatos de ensaios e textos dramáticos portugueses. A par com a criação artística, promove a produção de pensamento crítico a partir da prática, enquanto funda a sua ação no pensamento artístico, filosófico, estético e ético contemporâneo. Nos últimos anos o TNE tem refletido questões de género, de diversidade, e de sustentabilidade nas propostas artísticas que desenvolve.

JÁ A SEGUIR

21 A 24 FEV

**1984 DE GEORGE ORWELL – UMA NOVA ADAPTAÇÃO
DE ROBERT ICKE E DUNCAN MACMILLAN
ARTISTAS UNIDOS**

«O GRANDE IRMÃO ESTÁ SEMPRE A OBSERVAR-TE.» Este aviso rege o futuro assustador e distópico do clássico de George Orwell, *1984*, adaptado para o palco por Robert Icke e Duncan Macmillan. O partido totalitário proíbe o individualismo, a independência e o pensamento livre, distorcendo o passado à sua vontade e controlando os seus cidadãos com medo e violência. No coração deste mundo sombrio, Winston Smith ousa sonhar com um mundo livre do *Big Brother*. Conseguirá um homem, por meio de pequenos atos de desafio — começar um diário, apaixonar-se — defender a verdade, a liberdade e a esperança para as gerações vindouras?

Coprodução **Artistas Unidos, Centro Cultural de Belém, Teatro Aveirense**

Sexta, 20h00

Sábado, 19h00

Domingo, 17h00

Segunda, 20h00

Pequeno Auditório

M/14

{TEATRO
NOVA
EUROPA



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

APOIO INSTITUCIONAL



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

PARCEIRO INSTITUCIONAL



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025

≡ RTP